



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**MARIANA SANTOS CAVALCANTI REIS**

**QUANDO A LITERATURA BELJA OS FATOS**  
**Um passeio literário pelo universo da loucura**

Salvador  
2010.2

**MARIANA SANTOS CAVALCANTI REIS**

**QUANDO A LITERATURA BELJA OS FATOS**  
**Um passeio literário pelo universo da loucura**

Memória descritiva do livro-reportagem “O Homem da Cabeça de Olho”, apresentada como exigência legal para conclusão do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof. Dra. Leonor Graciela Nathanson.

Salvador  
2010.2

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e irmão pela força e incentivo que me fizeram chegar aqui. A Deus, refúgio e inspiração para seguir cultivando o respeito ao outro e esse amor que nem sempre aparece na rotina. Aos que abriram as portas para a realização desse trabalho, especialmente a direção do Hospital Juliano Moreira e do Criamundo. Aos que tiveram confiança em mim para partilhar suas vidas, narrando não só as fases bonitas, mas também os momentos de dor. Aos professores, médicos, pesquisadores e psicólogos que guiaram a constante busca pelo embasamento teórico necessário, principalmente minha orientadora Graciela Natansohn. Aos amigos que foram apoio, afago e conselho durante todo o processo, desde a primeira visita ao Juliano, ainda em 2008. Agradeço aos amigos da faculdade, pelo companheirismo e por tornarem esse momento ainda mais especial. Agradeço a todos que torceram, vibraram com as pequenas vitórias e que seguirão comigo para as outras que virão.

## **RESUMO**

O jornalismo é reconhecido socialmente como uma ferramenta na busca pelo real, pela urgência, pelo texto conciso, direto. A literatura é reconhecida socialmente pela aproximação ao ficcional, pela atemporalidade, pela fluidez que o texto pode alcançar. Este projeto é o reflexo do desejo de caminhar entre as duas correntes, construindo um produto de natureza artística não-ficcional, mas com a proposta de pintar a realidade com mais matizes do que normalmente é possível encontrar no jornalismo cotidiano. Com auxílio do jornalismo literário, a pesquisa culminou na elaboração do livro-reportagem “O Homem da Cabeça de Olho”, tendo como destaque uma unidade do serviço público de saúde mental baiano, os servidores e os usuários que lá buscaram tratamento. O livro nasceu da vontade de visitar a atmosfera do Hospital Juliano Moreira de Salvador e é voltada para convocar a necessidade de humanizar a loucura.

**Palavras-chave:** jornalismo literário; livro-reportagem; loucura.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	06
1.1. Justificativa .....	07
<b>2. O PRODUTO</b> .....	09
2.1. Quando a literatura beija os fatos .....	09
2.2. Como encontrar o formato perfeito? .....	12
<b>3. O PROCESSO</b> .....	14
3.1 O medo da volta .....	15
3.2 A rotina Criamundo .....	19
3.3 Um livro de capa colorida .....	21
<b>4. O APRENDIZADO</b> .....	22
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	23

## 1. INTRODUÇÃO

“(…) Em todos os lados, a loucura fascina o homem. As imagens fantásticas que ela faz surgir não são aparências fugidias que logo desaparecem da superfície das coisas. Por um estranho paradoxo, aquilo que nasce do mais singular delírio já estava oculto, como um segredo, como uma inacessível verdade, nas entranhas da terra”. (FOUCAULT, 1972).

O trabalho partiu do desafio de me aventurar pelo universo dos socialmente hostilizados pela alcunha de loucos. Através do contato direto com internos, ex-internos e uma infinidade de pessoas que buscam diariamente atendimento no Hospital psiquiátrico Juliano Moreira, durante estágio curricular nos anos de 2008 e 2009, nasceu o desejo de conhecer mais profundamente o imaginário deste grupo. Trabalhar com comunicação por quase um ano em um ambiente tão atípico só fez crescer a vontade de explodir os muros da instituição para mostrar todo aquele mundo à sociedade que, majoritariamente, o desconhece. A realidade impactante dos corredores do hospital uniu-se à paixão pela literatura. Com as palavras, busquei a saída para materializar o discurso tão desacreditado daqueles muitos corpos uniformizados. Palavras que poderiam fazê-los maiores do que carne e diagnóstico. Palavras que brincariam com a simplicidade de ser apenas Raimundo ou Maria.

Da junção entre o factual e a literatura veio a alternativa de buscar a escrita livre e a poesia solta, tão característicos do jornalismo literário. A pesquisa dentro do gênero levou à escolha do formato livro-reportagem em seu convite para o passeio na narrativa de não-ficção e sua habilidade de denunciar, entreter e buscar o belo através de um olhar mais detalhado. Não que o jornalismo cotidiano seja incapaz de atingir a profundidade, como apregoam muitos entusiastas do gênero. A opção pelo jornalismo literário foi mais pela liberdade da forma e por essa profundidade que vem do abertamente subjetivo, do singular. Pela legitimação da possibilidade de o repórter não ser mero observador, imprimindo um olhar sensível e dialogando com o ambiente, ou simplesmente pela brincadeira dos adjetivos, grandes vilões da pirâmide invertida.

O interesse inicial era o de promover um espaço seguro para que o usuário do serviço de saúde mental encontrasse liberdade de expressão; que fosse um veículo

democrático que valorizasse a arte, mas que a crítica social não fosse preterida. Este trabalho surgiu do desejo de dar voz a quem a sociedade insiste em calar.

Diante da realização de todo o projeto busquei estar familiarizada com o processo histórico que conformou o *new journalism*, bem como seus desafios diante do mercado em constante evolução. A esperança era de conhecer melhor a rotina de pesquisa e produção de um livro e construir um trabalho de qualidade que também servisse como um projeto de experimentação, descoberta, desafio e amadurecimento profissional. Era aplicar a leveza do texto sem amarras, praticar o respeito ao outro, ir além do lead e percorrer a vida das personagens em todas as suas nuances. A esperança sempre foi a de representar de forma digna estes tantos sem voz que me propus a ouvir, ainda que fosse em uma escala micro.

### **1.1. Justificativa**

A elaboração de um livro-reportagem permite uma melhor compreensão dos mecanismos de entrevista, melhor apreensão do tema abordado, nesse caso a loucura, além de proporcionar mais contato com a corrente do jornalismo literário – que rendeu profundo encantamento durante a graduação. Outro ponto que chamou a atenção, ao mesmo tempo em que motivou a pesquisa, foi justamente a possibilidade de estabelecer contato com o mercado literário, uma das minhas aspirações profissionais.

O tema, do ponto de vista metodológico, mostrou-se interessante pela possibilidade múltipla de encontrar personagens diversos e histórias de vida carregadas tanto de sofrimento quanto de fantasia – o que deu ferramentas para um possível mergulho poético no jornalismo literário.

Além deste parâmetro, abordar a problemática da busca por respeito do discurso do louco foi extremamente importante para reivindicar a cidadania que é comumente usurpada desse segmento social. Conhecer o perfil dos “cuidadores” destes marginalizados, tendo em vista que estes profissionais muitas vezes também vivem à margem da sociedade, também se mostrou necessário no decorrer do livro.

No plano teórico, a pesquisa de campo permitiu uma pequena contribuição no processo de humanizar essa loucura que chega aos leigos na forma do personagem caricato do louco excêntrico, que diz o que pensa, age fora dos padrões da

normalidade e acaba como chacota. A representação do humano acaba vazia. O louco perde o corpo físico, perde o discurso e vira uma anedota, apenas uma piada de validade curta.

A realização de uma pesquisa de campo aprofundada foi a forma mais segura de desconstruir o imaginário etéreo do personagem maior do que o humano e de possibilitar uma aproximação real do repórter com a temática. Ir à campo é rejeitar a figura pronta do louco sonhador quixotesco, ou da mocinha que enlouquecia de amor no Romantismo. É rejeitar também o movimento contrário, duvidando das representações que atingem o nível do animalesco. Neste caso, humanizar é no sentido mais literal, simplesmente lembrando que quem veste o uniforme da internação é uma pessoa como o próprio repórter.

O desejo de tentar decifrar as singularidades que compõem essa imagem do usuário do serviço de saúde mental e dos que convivem com ele veio da vontade de mostrá-lo menos caricatura e mais gente. De pintá-lo em suas particularidades de forma simples, como o Sinatra de Talese (2004) que aparece sozinho em um bar. A figura do cantor é a de um homem segurando seu copo de *whisky* com os dedos tortos, graças à artrite. Saber desses dedos tortos é enxergar um Sinatra humano, real. O mesmo acontece em perfilar um usuário do serviço de saúde mental e se preocupar mais com sua comida favorita do que com o diagnóstico que ele tem de carregar. O que não é permitido esquecer é que escrever um livro-reportagem que retrate um usuário é mais do que convocar uma discussão sobre o jornalismo literário, do que questionar qual o papel da academia como transformador social: é tomar uma posição ativa acerca de uma realidade muitas vezes esquecida por essa sociedade.

A ideia de escrever um livro-reportagem surgiu com muita pretensão, muita paixão e infinitos desafios. A vontade de ser belo, o desejo de brincar com a linguagem, de passear pela literatura, de ousar. O livro partiu, cheio de si, para ao menos buscar novas formas de entender, escrever e transmitir o jornalismo literário. Partiu para sangrar a superfície da loucura e deixar que ela tocasse a impenetrável sanidade dos polidos, seguros e estáveis. Partiu para convencer ou só gritar a importância do respeito ao usuário do serviço de saúde mental. Como afirmo no início, muita pretensão de ser justo, de ser belo e de tocar inclusive essa parcela que nunca foi confrontada diretamente com a loucura. Loucura é trancada nos hospitais psiquiátricos, amarrada silenciosa dentro das casas. Não há qualquer valoração no fato



de ser louco, de ter parente louco. Na maioria das vezes só fica o silêncio, então, que o livro ao menos cumpra o papel de quebrá-lo.

## **2. O PRODUTO**

Escrever um livro-reportagem sobre o universo do tratamento dado aos usuários do serviço de saúde mental foi um desafio que começou primeiro na busca pelo arcabouço teórico. Este desafio nasceu antes da necessidade de caminhar por uma área muito diversa ao jornalismo: o estudo clínico e especializado dos mais diversos “transtornos mentais”- ainda que usar a expressão, até entre aspas, cause em mim certo desconforto. Desta forma, e diante da amplitude deste universo, a sugestão da bibliografia necessitou de um apoio igualmente especializado. Traçando previsões concretas, o avanço por entre diagnósticos e tratamentos dos mais diversos distúrbios psicológicos teve de avançar ao mesmo tempo em que as primeiras entrevistas iam sendo feitas.

O que imediatamente precisou ganhar atenção foi a pesquisa do gênero “jornalismo literário” e do formato “livro-reportagem” – área que toca mais profundamente a experiência acadêmica e razão de existir do trabalho de conclusão de curso. O que chamo atenção é que não foi a loucura, primordialmente, a motivação para escrever - não desqualificando quem dedica sua vida a pesquisá-la - mas sim o jornalismo literário. A situação-problema (imaginário das pessoas que viveram ou vivem pelos corredores do Hospital Juliano Moreira) foi apenas um instrumento para percorrer com liberdade a área do jornalismo em que nutro paixão. É como um contador de histórias que busca o prazer no contar e não na história em si. Contudo, também é preciso ponderação. Sem interesse pelas personagens retratadas no livro, o trabalho não conseguiria ultrapassar atestados amorfos e impessoais. Tudo sempre regido pela cautela, mas sempre com muita paixão.

Para melhor visualizar as diferentes vertentes que conformaram a pesquisa assumo duas divisões básicas, uma que percorre o jornalismo literário e outra que chama a atenção para o estudo do formato livro-reportagem.

### **2.1. Quando a literatura beija os fatos**

O jornalismo encontrou a literatura muito antes do que se imagina. O livro de Edvaldo Pereira Lima “Páginas Ampliadas” é de fundamental importância para entender essa separação tênue entre os dois campos. Segundo Lima (2009), nomes como Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar trabalharam em jornais e revistas antes do século XX. Um dos pontos interessantes para estudiosos do assunto é que as inovações dificilmente partem do vazio – dizer isso é garantir que a opção do jornalismo de se aproximar da literatura advém naturalmente do processo de reconhecer linguagens e formatos, se apropriar destes, modificando e moldando novos parâmetros a ser seguidos. Outro ponto fundamental de junção das duas vertentes é o que lembra Lima (2009) como “a arte de contar histórias”. A diferença é que a literatura pode muito bem estar preocupada unicamente com a escrita em si, com a linguagem, com o prazer pelas palavras. Ainda que o conceito do “real” esteja presente não é ele que impera e não há uma pretensão de que isso aconteça, ao contrário do jornalismo. Lima traz uma frase de Antonio Callado que garante que “bom jornalismo é literatura”. Mas é de Tom Wolfe uma das frases mais poderosas sobre a necessidade de se pensar o jornalismo já que

os leitores choravam de tédio sem entender por quê. Quando chegavam àquele tom de bege pálido, isso inconscientemente os alertava de que ali estava de novo aquele chato bem conhecido, “o jornalista”, a cabeça prosaica, o espírito fleumático, a personalidade apagada, e não havia como se livrar do pálido anãozinho, senão parando de ler. (WOLFE, 2005, p.32).

Lima (2009) faz um apanhado histórico do jornalismo literário. Segundo ele, o gênero – também conhecido pelos nomes de literatura não-ficcional, literatura de realidade, jornalismo de autor e jornalismo em profundidade – tem início entre os anos 60 e 70, nos Estados Unidos. E foi pela mão de grandes jornalistas que nasceu este “New Journalism” que caminha ainda tímido pelos jornais brasileiros e começa a lotar as prateleiras das livrarias mais completas.

No Brasil o novo jornalismo chega em 1966 através da revista Realidade e do Jornal da Tarde. Os jornalistas responsáveis pelo “feature” – matérias mais voltadas para o comportamento humano, consideradas “frias” pelo aspecto atemporal em que se encerram – começaram a inovar no estilo e na linguagem para atingir a atenção do público e porque tinham mais tempo para apuração. O movimento começa nos jornais, chega nas revistas e chega no livro-reportagem. O primeiro é “A Sangue Frio” de

Truman Capote, na New York de 1966 e tem que disputar lugar com os queridinhos da época: os romances. O próprio Capote nomeia seu livro como “romance de não-ficção”.

Os nomes mais citados do *new journalism* americano são os de Truman Capote, Tom Wolfe (fundamental a pesquisa principalmente por “Radical Chique e o Novo Jornalismo”), Gay Talese (com o fantástico “Fama & Anonimato”), Norman Mailer (“Super Homem vai ao supermercado”) e Joseph Mitchel, que merece atenção especial por um livro principalmente.

“O segredo de Joe Gould” (1964) é uma obra significativa e toca meu projeto em dois aspectos: quanto à composição, estilo e linguagem provenientes do jornalismo literário; e no que se refere ao tema. Apesar de correr o risco do exagero não há outro adjetivo que não um “fabuloso”. De forma magistral, Mitchel constrói uma verdadeira epopéia narrando a vida de um vagabundo que perambula pelas ruas de Nova Iorque. E os delírios do personagem encontram a sensibilidade do jornalista sem preconceitos e prendem o leitor comum absolutamente.

No Brasil, o gênero é inaugurado por Euclides da Cunha através da cobertura da Guerra de Canudos, na sua obra-prima “Os Sertões”, e é seguido por outros tantos como Caco Barcelos, Eliane Brum, Fernando Morais, Zuenir Ventura, Laurentino Gomes, Marcos Faerman, Ruy Castro, Audálio Dantas, João do Rio, Luiz Fernando Mercadante, Sérgio Vilas Boas, Celso Campos Júnior, Cláudio Bojunga, José Carlos Bardawil, Roberto Freire – só para citar o nome de alguns.

## **2.2. Como encontrar o formato perfeito?**

Ideias bem definidas, basta encontrar o formato que garanta o casamento perfeito entre o estilo, a linguagem, a fluidez do tema e a extensão necessária para o aprofundamento da reportagem. E é nesse sentido que nasce a pesquisa para melhor compreensão do formato escolhido: o livro-reportagem.

Primeiro é necessário diferenciar o livro-reportagem do livro comum por três motivos: o conteúdo busca a verossimilhança, há maior aproximação à linguagem jornalística – ainda que o autor não seja necessariamente jornalista e que o texto seja

mais fluido – e o objetivo final é o de levar a informação para o leitor, o que difere em muito de um livro de poesia, por exemplo.

A inspiração pode vir da repercussão de um assunto na mídia e posterior pesquisa e desejo de publicar um relato mais aprofundado (como é o caso do “livro flash” ou “livro instantâneo”), ou pode se tratar de um assunto atemporal.

Lima (2009) divide o livro-reportagem em 13 tipos, são eles: livro-reportagem-perfil (que evidencia o lado humano de personagens conhecidas ou anônimas, que tem também a sub-variação livro-reportagem-biografia), depoimento (relato de uma testemunha acerca de um acontecimento relevante), retrato (busca a representação de uma região, sem apelo a intervenção humana na narrativa), ciência (voltado para divulgação científica), ambiente (temáticas voltadas para as questões ambientais), história (busca de fato histórico que possui relevância no tempo presente), nova consciência (voltado para assuntos de cunho mais questionador, ligado a contraculturas e movimentos em ascensão), instantâneo (visão mais aprofundada de fato recente), atualidade (similar ao instantâneo, mas com maior perenidade), antologia (reunião com critério comum, podendo ser de textos do mesmo, autor, estilo, corrente etc), denúncia (voltado unicamente para ampliar a discussão sobre injustiças ou abusos), ensaio (textos mais autorais acerca de determinado tema) e viagem (livro que funciona como espécie de “diário de bordo”). Vale lembrar que as sub-divisões podem coincidir em um mesmo livro-reportagem.

Dentro dos objetivos que busca alcançar a pesquisa – entender melhor o universo do serviço de saúde mental – o gênero perfil foi o que mais encontrou relevância na concepção do trabalho. A revista *The New Yorker*, na década de 1920, foi a pioneira deste gênero que procura dar uma nova angulação, que aceita o desafio de ver além.

Sem dúvida, uma das partes mais aprazíveis da pesquisa tenha sido a leitura dos grandes autores e suas obras mais renomadas. Diante do contato com os livros, além do formato, também foi possível analisar as inúmeras estratégias usadas para chamar a atenção do leitor e tentar aprender a beleza que vem do simples.

### 3. O PROCESSO

A coisa mais importante deste mundo é o processo de criação. Que tipo de mistério é esse, que faz com que o simples desejo de contar histórias se transforme numa paixão, e que um ser humano seja capaz de morrer de fome, de frio ou do que for, desde que seja capaz de fazer uma coisa que não pode ser vista, nem tocada, e que afinal, pensando bem, não serve para nada? Algumas vezes acreditei – ou melhor, tive a ilusão de estar acreditando – que ia descobrir, de repente, o mistério da criação, o momento exato em que uma história surge. Mas agora acho cada vez mais difícil que isso aconteça (MÁRQUEZ, 1996, p. 14-15).

O projeto partiu de um “sujeito de pesquisa” bem definido e poucos fatores encontraram tamanha definição antes da pesquisa de campo começar efetivamente. O livro-reportagem “O Homem da Cabeça de Olho” nasceu dos próprios personagens que fazem a história do Juliano. Desta forma, o sujeito investigado é quem assume o tom do trabalho, obviamente conduzido pelo investigador, e compor um caminho metodológico forte foi peça fundamental para que o lugar de investigador não fosse suprimido pelo papel do investigado.

O início do caminho nasceu da busca das personagens do livro. Depois da seleção prévia das personagens começou o processo cuidadoso que construiu efetivamente o livro-reportagem: as entrevistas.

Os dados prioritários para o desenvolvimento do projeto vieram deste contato com os servidores do hospital e dos funcionários e colaboradores do Criamundo. Pessoas que ocupam, sim, o espaço do cidadão que busca, ou promove, o atendimento no serviço de saúde mental público na Bahia, em Salvador e, em última estância, no HJM. Com este lugar de fala, não se pode incorrer no erro de reduzir estes sujeitos de pesquisa unicamente a este lugar de fala. Um usuário que busca atendimento no Juliano Moreira e que imprime no livro seu discurso pode igualmente ocupar o lugar de cidadão, ou soteropolitano, ou excluído socialmente, ou de apreciador de poesia, ou de alguém que não sabe cozinhar, ou de quem sonha com um futuro melhor. A ponderação é necessária apenas para lembrar que o “universo HJM” não pode e nem tem a pretensão de representar o único universo do que é o serviço de saúde mental.

As entrevistas confluíram nestes dois ambientes: o pessoal e o geral. Ter levantado esta questão foi fundamental para evitar tanto o distanciamento da personagem quanto do perigo de reduzi-la a uma pessoa com problemas de saúde mental. Foi necessário explorar o gancho que une essas personagens em um livro – o fato de que todas em algum momento de sua vida buscaram ajuda no serviço público do

Hospital Juliano Moreira, ou que lá trabalham – mas também de explorar as particularidades. Particularidades que imprimem o humor, a sensibilidade, a poesia. Não considerar esse aspecto é incorrer no risco de reproduzir boletim médicos, receitas de remédios pré-formuladas. Tudo isso implica na realização de uma pesquisa qualitativa e não quantitativa – considerando a importância de dados gerais, mas propondo conhecer com profundidade apenas o universo específico do hospital.

A entrevista foi o ponto fundamental da busca pelos dados, afinal o livro-reportagem se aproxima ao tipo “pesquisa de campo”. Assumir metodologicamente este modelo é também assumir o convívio ao “sujeito pesquisado” no local em que a problemática se desenvolve (Hospital Juliano Moreira). A escolha implicou em uma visão participante por meio do sujeito investigador e permitiu melhor subsídio para enriquecer o texto descritivamente. Considerei primordial durante o desenvolvimento permitir que o leitor conhecesse os sons, os cheiros, a forma como a luz atinge os corredores do hospital, ao mesmo tempo em que lesse sobre a história de alguma personagem. O recurso ajuda a dar fluidez ao texto e auxilia no passeio pelo leitor a um local provavelmente desconhecido.

Falar desta forma pode dar a falsa ideia de que todo o processo de realização do livro tenha transcorrido naturalmente, com entrevistas marcadas em horários previamente determinados, em um ambiente tranquilo. Mas, não foi bem assim que essa história começou.

### **3.1 O medo da volta**

Tinha certeza que escreveria um livro desde a primeira vez que vi a fachada do Hospital Juliano Moreira (HJM). Tinha certeza, também, que não seria fácil. Eu precisava contar de alguma forma aquele mundo diverso para tirá-lo um pouco de mim, para levantar questionamentos, para desfazer os mitos. O desejo era de ser maior do que a nota de um trabalho de conclusão de curso, era conquista profissional, mas esse livro era, e será sempre, um “acerto de contas” pessoal. Materializar emoções tão misturadas em um texto, o nome na capa, regras da ABNT, referências bibliográficas, ficou cada dia mais insuportável. Porque há inúmeras questões práticas que você precisa dar conta

em pouco mais de seis meses, objetivamente, de forma clara e no tempo curto. Fiquei estagnada.

A primeira reação foi mergulhar na pesquisa sobre o jornalismo literário, passear pela delicadeza dos autores, pesquisar os estilos, escolher o formato. Escolhi o livro-reportagem, escolhi o perfil, conheci Edvaldo Pereira Lima. A palestra com o pesquisador do gênero mais influente na minha formação foi uma injeção de ânimo. A sala lotada de estudantes da Faculdade 2 de Julho e uma atmosfera ao mesmo tempo de sonho e de possibilidade. Um estalar de dedos e seria tudo real. Edvaldo me apresentou a escrita de Eliane Brum e me perdi de amores por seu “A vida que ninguém vê”. Estava decidido: um livro-reportagem, um livro-reportagem de perfis, um livro-reportagem de perfis bonitos de gente simples como a história de Eliane.

No Juliano tinha gente de simplicidade bonita, tinha a facilidade do acesso, tinha a vantagem de já estar familiarizada com o ambiente. Só tinha um problema: eu não conseguia voltar para a rotina Juliano Moreira.

Era medo genuíno, de não aguentar rever a tristeza, de ser mal recebida, de ser incapaz de colocar tudo isso em um livro. Tão paralisada que andava, minha orientadora falou uma coisa muito simples, ao menos à primeira vista:

“Escreva que você está com medo”.

Foi o começo de tudo. O caderno sem capa, muito surrado, já era alvo das minhas angústias anteriores e pareceu não se importar com a nova fase de quase desespero. Assim, quase sem pensar no caminho da mente e do lápis, eu escrevi no dia 20 de julho:

“Pediram que eu escrevesse para tirar esse medo de dentro de meu peito. Boba, quanto mais escrevo, mais o medo besta cresce. Porque só tememos o que é vivo de alguma forma dentro de nós. A concepção do texto é só uma ideia perdida e fluida. Um texto não. Um texto é todo narrativa, conexões, códigos, sistemas, emoções. Todo sentimento medo.

Hoje, pulei da cama disposta a enfrentá-lo. Tomei um banho, escolhi com calma a roupa, tomei um café demoradamente, engolindo a televisão junto. Estabeleci regras imaginárias que me empurrassem para fora de casa e me fizesse colher loucura na rua. Voltei para dentro do quarto, voltei para cama, voltei para dentro das cobertas, voltei para dentro. E se estou aqui é por culpa de umas cinquenta pessoas, culpa do mundo, da loucura feia, mas nunca de dentro.



Hoje fez sol e o dia está bom para a colheita. Mas as histórias estão longe e o preço da gasolina está pela hora da morte. Mandaram Mariana escrever, mas sabe? Estou com medo e sono. Tenho sono de tudo. E medo mais ainda”.

Neste período quase desisti, mas tomada de uma inspiração, não sei se divina, não sei se terrena, consegui voltar ao lugar que me paralisava. A estratégia era levar comigo a pessoa que mais tinha medo de “hospício” que conheço: minha mãe. E se eu oferecesse a ela toda a proteção e provasse que tudo daria certo, enfim, eu tornaria a acreditar em mim e no livro. No dia 05 de agosto, finalmente, eu escrevi no meu “diário de bordo”:

“Hoje voltei à minha loucura real, para as minhas paredes de tinta gasta e aquele cheiro de fumo de rolo. A batalha começou ainda em casa, na escolha da roupa certa. Algo que fosse, ao mesmo tempo, discreto, formal, confortável e que possibilitasse fugas desesperadas em caso de provável revolução.

Parti com o pensamento totalmente tomado pela ansiedade de voltar àquele lugar. Depois de quase dois anos, estava de volta ao Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, primeiro lugar em que trabalhei como jornalista, durante sete dos meses de 2008 e dois dos meses de 2009.

Desta vez, levei minha mãe pelo braço – arquétipo perfeito da menina com medo, não do novo, mas do temível conhecido. Minha mãe veste a casca da mulher inabalável, a fortaleza em pouco mais de 1,60m. Medo mesmo, ela confessa, só de morrer em um asilo ou em um hospital psiquiátrico daqueles, se a vida desandar. Meio protegida pelo seu medo, meio ansiosa por ser anfitriã daquele mundo totalmente novo para ela, parti na manhã do dia 05 de agosto de 2010 para o bairro de Narandiba, sem número, Salvador, Bahia, uns tantos graus de longitude oeste e outros bem poucos para a loucura institucionalizada e pública.

E passei ilesa, mais uma vez, da portaria, do setor administrativo, da biblioteca, do serviço social, da farmácia, dos consultórios, da terapia ocupacional. Foi quando meu coração disparou. Ali na ponta da rampa que liga o refeitório dos funcionários às internações. Um tremor invadiu meu corpo, misturando umas não-sei-quantas razões de não poder, não querer, não conseguir cruzar novamente aquela linha tênue entre a vida confortável e sã e a mais completa balbúrdia de sentimentos já experimentados pelo meu corpo ainda jovem e besta.

‘Sorria, respire fundo e vá devagar’ grita o ditado budista dentro da minha cabeça serpenteando até a fronteira. Devagar é o único ritmo que meu corpo obedece,

nessas circunstâncias. Antes fosse uma escolha. Mas vou munida do sorriso mais largo que consigo colocar para fora. E se você ultrapassa a beira da sanidade para a falta mais profunda da razão não adianta um sorriso meio torto. Tem de ser uma conjunção de dentes e estômago, sorrindo de olhos abertos e coração encharcando de solidariedade por aquelas pessoas nos uniformes.

Toda corpo, toda estremecida, ainda consegui dar conselhos básicos de sobrevivência para aquele estranho no ninho. Sem olhar para minha mãe, disse que ela não precisava ter medo se carregasse esse sorriso de dente e coração e um simples ‘boa tarde’.

Entramos no módulo de internação. Olhos nos olhos de cada homem, ou mulher, ou o meio de tudo isso. Todos fardados e monocromáticos nos seus corredores. O sorriso. O cumprimento. Uns jogados no chão. Dedos amarelados de fumo.

Uma mulher de farda penteava os cabelos e a vaidade quase infantil me fez lembrar a época em que pedia a minha mãe que me pintasse os lábios de carmim. A mulher no corredor dos crônicos me estendeu a mão e elogiou meu cabelo. Disse a minha mãe que não ficasse triste. Mais cedo ou mais tarde o cabelo dela também iria crescer.

E eu que tinha me esquecido como era tudo tão bonito fui voltando à tona. Era como se o mar estivesse estendendo a mão generosa e me ofertando, mais uma vez, seu zumbido calmo e infinito. Eu estava de volta”.

Então, estava tudo resolvido? Não. A recepção foi calorosa, mas logo no primeiro contato com o hospital minha pesquisa encontrou um impedimento: a condição de escrever “O Homem da Cabeça de Olho” era restringir as entrevistas unicamente aos colaboradores do Criamundo. Falar com os usuários só depois da aprovação de uma comissão de ética convocada para analisar somente o meu trabalho. O diretor da faculdade nunca tinha ouvido falar em comissão ou comitê de ética para o curso de jornalismo, ou de humanas. Encontrei uma comissão na burocracia da Ufba, mas após vários contatos descobri que nem os participantes sabiam que integravam a comissão. Engoli, um pouco contrariada, a proposta do Criamundo.

O impedimento revelou-se mais tarde uma grande vantagem durante o processo de criação. A atmosfera da ONG era propícia a entrevistas mais individualizadas e facilitava o estreitamento da relação “repórter x personagem”. Ainda assim, passei pela experiência de ficar um turno na emergência do HJM. Precisava viver todos os extremos para falar com a visão mais ampliada. A linha editorial inicialmente contemplaria perfis

de servidores e, empenhada em viver um dia de trabalho de Daniel, auxiliar de enfermagem que aparece no texto “O Juliano é gente”, provei a sensação de total clausura no dia de maior efervescência: segunda-feira.

Doeu, quase fisicamente. Depois de horas ouvindo as piadas mais sujas, sendo xingada, observada, medida, o meu corpo pesou. No início, tinha a proteção de Daniel, as conversas amenas no meio do ambiente de surto, as loucuras engraçadas. A falta de treinamento foi afrouxando o sorriso, o medo foi tomando conta e virei alvo fácil. O que posso dizer é que agradei, como nunca, ter atravessado o portão de volta, deixado a rotatória de Narandiba e ter voltado para casa, o banho quente, a comida na mesa.

### **3.2 A rotina Criamundo**

Ter conseguido voltar não significava ter incorporado novamente a “rotina Juliano”. Um fato simples ilustra essa fase de readaptação: em um dia comum, quando estava indo para o hospital me peguei dirigindo pelo caminho oposto e percebi o engano quase na porta de casa.

Estava pronta para voltar, mas algo ainda me incomodava: eu era estudante de jornalismo, como seria qualificada para falar dessa loucura institucionalizada? Não sabia lidar com o fato de não ser especialista. E se caísse no par ingênuo de representação do louco como “herói” (tão personagem que seria incapaz das particularidades e erros humanos) ou como “coitadinho”? A solução veio por dois caminhos. O primeiro foi a busca por embasamento teórico na área, obviamente reconhecendo o tempo reduzido e as limitações de formação acadêmica. Eu tive que entender, depois de muito esforço, que só poderia me cobrar como estudante de jornalismo interessada no tema loucura. O segundo veio através da orientação da psicóloga e coordenadora do setor de Recursos Humanos, Marta:

“Se permita não saber. Ainda que só venha para ficar em silêncio”.

A fórmula deu certo. Passei dias e dias, só olhando. Na primeira vez que passei uma tarde inteira na ONG, registrei no meu diário:

“Escrever um livro é paquera – o jogo delicioso de querer, não querer, de não querer querendo. É o flerte ingênuo. A armadilha mais ensaiada. É caça. É saber recuar,

cultivar o mistério. É regredir dois passos para, tempos de confiança depois, poder caminhar lado a lado.

Passo horas olhando. Não digo uma só palavra. Não provoço risos. Não anseio partilhar segredos. Não divido minha vida. E, naquela segunda-feira, não falei do calor, ou do frio, ou do tédio. Estava camuflada, em silêncio. Naquele dia, apenas segurei um punhado de palha para imitar as personagens do meu livro, fazendo parte desse mundo. Estava realmente preocupada e impaciente. Não era somente encurralar alguém e interrogar sobre a sua vida de loucura, de beleza, de trabalho. Era o cultivo lento.

Foi quando um beija-flor apareceu na janela. Lembrei da fábula que ouvia quando criança, aquela que falava do incêndio terrível na floresta. Enquanto os bichos fugiam desesperados, o beija-flor derramava gotas de água com o bico, seguidas vezes, ainda que repudiassem da sua investida. E me peguei rindo à toa, na oficina de cestaria, entendendo tudo”.

A recompensa pela calma durante o processo provocava uma emoção intensa. Um bom exemplo foi a aproximação a Raimundo. As horas que passei, calada, ao seu lado talvez atrasassem o livro. Apenas repetia seus gestos, colocando os olhos de boneca nos sapinhos de sabonete, enrolando um a um com papel filme. Ele não puxava assunto, só me ensinava seu trabalho bonito com paciência. A surpresa veio dias depois. Ele me olhou, sorrindo, e puxou a cadeira ao seu lado me colocando para trabalhar também. E meus olhos de estudante que encheram de lágrimas eram muito mais do que prova de que tudo valia à pena.

### **3.3 Um livro de capa colorida**

Todos os textos estavam reunidos, mas faltava a última parte do processo: materializar o livro. E que cara teria “O Homem da Cabeça de Olho”? Resolvi assumir o risco de editar o material antes da avaliação da banca, apesar de ter recebido inúmeros conselhos de fazer o contrário. Primeiro que a opção adiantaria o prazo de entrega dos textos em duas semanas, justamente as finais. Segundo que, além de ter de terminar antes do previsto, ainda teria que dar conta da edição, revisão e arte do produto no tempo reduzido. Aceitando mais esse desafio, a oportunidade de aprender aumentou. Pela primeira vez pude acompanhar de perto todas as fases da elaboração de um livro:

estudo de capa, projeto gráfico, editoração eletrônica e as inúmeras revisões. A chance de conviver com os artistas Washington Falcão e Humberto Farias, que abraçaram o projeto, foi tão recompensador quanto os momentos que passei dentro do Criamundo.

Mesmo que a inexperiência e o tempo que só diminuía tenham elevado o nível de estresse, o que muitas vezes ocasiona erros primários, ter nas mãos “O Homem da Cabeça de Olho” foi comprovar o tal fascínio pelo papel. E ainda depois das oito horas dentro de uma gráfica, revisando mais uma vez, corrigindo mais uma vez, aprovando mais uma vez e, pela primeira vez, segurando a história que me envolveu nestes dois anos, veio a constatação ingênua de criança diante de brinquedo novo: eu tinha um livro de capa colorida.

#### 4. O APRENDIZADO

Finalmente, o que aprendi depois de dois anos de pesquisa, de corredor de hospital psiquiátrico, de conversas intermináveis sobre as banalidades da vida? A primeira frase que veio à cabeça foi a de Carlos Drummond de Andrade, em seu “Resíduo”: de tudo fica um pouco.

Fica um pouco do sentimento de recompensa depois de uma entrega genuína, da alegria por aceitar os desafios, do sempre cobrar mais, esperar mais, produzir mais. Fica um pouco o exercício da paciência que o repórter precisa para colher a informação mais profunda. Fica um pouco da tristeza que vi, da alegria dos sorrisos, do choro, do cheiro que nunca me deixará. O que fica é frustração pelo meu olhar meio torto que deixou passar história, que não ultrapassou meu mundo. Fica um pouco de orgulho por ter cuspid o medo, por ter deixado o conforto do meu apartamento, ter cruzado a cidade e achado gente bonita nos corredores do que chamam manicômio.

Tomo as palavras de Drummond para encerrar a minha história:

Mas de tudo, terrível, fica um pouco,  
e sob as ondas ritmadas  
e sob as nuvens e os ventos  
e sob as pontes e sob os túneis  
e sob as labaredas e sob o sarcasmo  
e sob a gosma e sob o vômito  
e sob o soluço, o cárcere, o esquecido  
e sob os espetáculos e sob a morte escarlata  
e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes  
e sob tu mesmo e sob teus pés já duros  
e sob os gonzos da família e da classe,  
fica sempre um pouco de tudo.  
Às vezes um botão. Às vezes um rato.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marcos Teixeira. **Loucura e Literatura: O Discurso Poético de Stela do Patrocínio**. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/artigo04marcos.pdf>>. Acesso em 15 de agosto.

AQUINO, João Fortaleza. **Reflexões sobre linguagem, loucura e literatura: Michel Foucault e a literatura do louco**. Disponível em: <

[http://www.unifor.br/joomla/joomla/images/pdfs/pdfs\\_notitia/2593.pdf](http://www.unifor.br/joomla/joomla/images/pdfs/pdfs_notitia/2593.pdf)>. Acesso em 03 de setembro.

BACH, Augusto. **Foucault e a literatura: arqueologia da loucura e escrita literária**.

Disponível em: < <http://www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/31/07.pdf> >. Acesso em 02 de novembro.

BARNES, Mary; BERKE, Joseph. **Viagem através da Loucura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Martin

Claret, 1999.

BARRETO, Lima. **O cemitério dos vivos**. Disponível em: <

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000162.pdf> >. Acesso em 20 de agosto.

BETTO, Frei. **A razão crítica de Cervantes através da loucura de Dom Quixote**.

Disponível em: < <http://alainet.org/active/8198&lang=es> >. Acesso em 01 de julho.

BORGES, Viviane Trindade. **O cuidado de si na trajetória de dois personagens tidos como loucos**. Disponível em: <

<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Viviane%20Trindade%20Borges.pdf>  
>. Acesso em 15 de outubro.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. 1. Ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

Caps devem ser alternativa aos hospitais psiquiátricos. **Jornal A Tarde**. 06 de novembro de 2010.

CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Editora Abril, 1978.

Cidadania e loucura: especial saúde mental. **Correio Braziliense Online**. Brasília. Disponível em: < <http://www.correioweb.com.br/saudemental/>>. Acesso em 07 de novembro.

D'EÇA, Aline. **Filhos do Cárcere**. Salvador: Edufba, 2010.

EARLEY, Pete. **Loucura – a busca de um pai no insano sistema de saúde**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

Eletrochoque. **Revista Piauí Online**, São Paulo, junho 2008. Disponível em: <[http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao\\_21/artigo\\_651/Eletrochoque.aspx](http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao_21/artigo_651/Eletrochoque.aspx)> Acesso em 05 de março.

FACCHINETTI, Cristiana. **As Insanas do Hospício Nacional de Alienados (1900-1939)**. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000500012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000500012&script=sci_arttext)>. Acesso em 01 de julho.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1972.

FRAGA, Myriam. **Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2002.

FREIRE, Jurandir Costa. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.



Kundera, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. Rio de Janeiro, Ed. Rio Gráfica, 1986.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora Manole, 2003.

LUNA, Ive Novaes. **A maravilhosa expedição do falatório de Stella**. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/11582/11492>>. Acesso em 12 de julho.

MALYSSE, Stéphane. **Imagens da loucura: através do espelho da normalidade**. Disponível em: <[http://www.zwyx.org/diffusion/malysse/expo\\_folie.html](http://www.zwyx.org/diffusion/malysse/expo_folie.html)>. Acesso em 05 de outubro.

MÁRQUEZ, Gabriel. **Notícia de um sequestro**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MITCHEL, Joseph. **O Segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 1964.

MOSÉ, Viviane (org.). **Reino dos Bichos e dos Animais é o meu Nome/ Stela do Patrocínio**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

MOTTA, Debora. **Quando a loucura encontra a literatura**. Disponível em: <[http://www.faperj.br/boletim\\_interna.phtml?obj\\_id=5039](http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=5039)>. Acesso em 04 de outubro.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo investigativo - o fato por trás da notícia**. 1. ed. São Paulo: Summurus Editora, 2005.

SOUZA, Márcio. **Os dilemas do jornalismo literário no Brasil**. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=476AZL003>>. Acesso em 06 de novembro.

Um registro de minha passagem sobre a Terra. **Revista Piauí Online**, São Paulo, fevereiro de 2008. Disponível em: < [http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao\\_17/artigo\\_499/Um\\_registro\\_de\\_minha\\_passagem\\_pela\\_Terra.aspx](http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao_17/artigo_499/Um_registro_de_minha_passagem_pela_Terra.aspx) >. Acesso em 17 de maio.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

YAZIGI, Latife. **As obras de Arthur Bispo do Rosário: ensaio fenomenológico**. Disponível em: < [http://www.ciec.org.br/Artigos/Revista\\_5/latife.pdf](http://www.ciec.org.br/Artigos/Revista_5/latife.pdf) >. Acesso em 06 de outubro.

## **AUDIOVISUAL**

MEU nome não é Johnny. Direção: Mauro Lima. Produção: Mariza Leão. Intérpretes: Selton Mello, Rafaela Mandelli , Eva Todor , Cléo Pires, André di Biasi , Ângelo Paes Leme e outros. Roteiro: Mariza Leão e Mauro Lima, baseado em livro de Guilherme Fiúza. Música: Fábio Mondego. [S.l.]: Atitude Produções ; Sony Pictures Entertainment ; Globo Filmes ; TeleImage ; Apema, 2008. DVD (124 min).

MELHOR Impossível. Direção: James L. Brooks. Produção: James L. Brooks, Bridget Johnson e Kristi Zea. Intérpretes: Jack Nicholson , Helen Hunt , Greg Kinnear , Cuba Gooding Jr. , Skeet Ulrich e outros. Roteiro: Mark Andrus e James L. Brooks, baseado

em estória de Mark Andrus. Música: Hans Zimmer. [S.l.]: TriStar Pictures / Gracie Films, 1997. DVD (138 min).

OS vigaristas. Direção: Ridley Scott. Produção: Sean Bailey, Ted Griffin, Jack Rapke, Ridley Scott e Steve Starskey. Intérpretes: Nicolas Cage , Sam Rockwell , Alison Lohman , Bruce McGill , Bruce Altman e outros. Roteiro: Nicholas Griffin e Ted Griffin, baseado em livro de Eric Garcia. Música: Hans Zimmer. [S.l.]: Warner Bros; ImageMovers; HorsePower Entertainment; Liveplanet; Rickshaw Productions; Scott Free Productions, 2003. DVD (116 min).

BICHO de sete cabeças. Direção: Laís Bodanzky. Produção: Maria Ionescu e Fabiano Gullane. Intérpretes: Rodrigo Santoro, Othon Bastos, Cássia Kiss, Luís Miranda, Valéria Alencar e outros. Roteiro: Luís Bolognesi. [S.l.]: Buriti Filmes / Gullane Filmes / Dezenove Som / Imagens e Fábrica de Cinema, 2000. DVD (80 min).

PERFUME : a história de um assassino. Direção: Tom Tykwer. Produção: Bernd Eichinger. Intérpretes: Ben Whishaw, Alvaro Roque, Franck Lefevre, Birgit Minichmayr, Sian Thomas e outros. Roteiro: Andrew Birkin, Tom Tykwer e Bernd Eichinger, baseado em livro de Patrick Süskind. Música: Reinhold Heil, Johnny Klimek e Tom Tykwer. [S.l.]: VIP 4 Medienfonds; Davis-Films; Ikirus; Films S.L.; Constantin Film Produktion GmbH; Nouvelle Éditions de Films; Castelao Producciones S.A., 2006. DVD (147 min).

## **DOCUMENTÁRIOS**

JANELA da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Brasil, 2002. DVD (73 min).

NOTÍCIAS de uma guerra particular. Direção: João Moreira Salles e Katia Lund. Brasil, 1999. DVD (56 min).

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Produção: Maurício Andrade Ramos. Fotografia: Walter Carvalho. Brasil, 2007. DVD (80 min).

Reis, Mariana.

O Homem da Cabeça de Olho/

Mariana Santos Cavalcanti Reis – Salvador: M. S. C. Reis, 2010.

84p.

Orientador: Professora Doutora Leonor Graciela Natansohn.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Comunicação Social com  
Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da  
Bahia, 2010.

1. A primeira vez que vi o Juliano. 2. Leonídia, a Louca do Solar. 3. O Juliano é gente. 4. O  
Homem da Cabeça de Olho. 5. Criando Mundo Novo. 6. Raimundo, em três atos. 7.  
Barbara, a guia. 8. Um fado chamado Zezé.

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANA SANTOS CAVALCANTI REIS

QUANDO A LITERATURA BEIJA OS FATOS:  
UM PASSEIO LITERÁRIO PELO UNIVERSO DA LOUCURA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Leonor Graciela Natansohn

---

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia

Leandro Colling

---

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia

Maurício Nogueira Tavares

---

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Salvador, 13 de dezembro de 2010

REIS, Mariana S. C. O Homem da Cabeça de Olho. 2010. 84 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Autorizo a reprodução [parcial] deste trabalho  
para fins de comutação bibliográfica.

Salvador, 13 de dezembro de 2010.

Mariana Santos Cavalcanti Reis